

**Análise dos fenômenos linguísticos presentes na letra da música paraense: Voando pro Pará.**

**Analysis of phenomena language presents the Paraense lyrics: Flying to Pará.**

Sandra Emanoeli Barros Silva<sup>1</sup>

Faculdade Ipiranga

Lucia Deodata Reis<sup>2</sup>

Faculdade Ipiranga

Maria do Carmo Acácio<sup>3</sup>

Secretaria Estadual de Educação do Pará

**Resumo:** Nesta pesquisa, propõe-se a fazer um estudo da linguagem na canção *Voando pro Pará*, dos compositores Crystian Lima, Isaac Maraial e Valter Serraria, interpretada pela cantora Joelma, destaque na música paraense nos dias atuais e conhecida nacionalmente pelo estilo *calypso*. O propósito central deste artigo é analisar os fenômenos linguísticos que ocorrem no falar paraense, presentes na música selecionada. Para isso, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, com base em autores, como: Cezário (2008), Camacho (2007), Alkmim (2007), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005). O estudo revela que os compositores da canção *Voando pro Pará* utilizam da linguagem regional, percebida por meio de manifestações sociolinguísticas locais, marcadas nos níveis fonético, fonológico, morfossintático e lexical. Os resultados evidenciam que a música local é um grande suporte ao trabalho de sala de aula, possibilitando, ao aluno, inúmeras leituras interpretativas o que contribui para o conhecimento dos costumes, da cultura, da linguagem e dos contrastes sociais.

**Palavras-Chave:** Falar Paraense; Sociolinguística; Variação Linguística.

**Abstract:** This research aims at to make a study of the language in the song *Voando pro Pará*, by Crystian Lima, Isaac Maraial and Valter Serraria, in Joelma's voice, highlighted in Paraense music at present and known nationally by calypso style. The central purpose of this article is to analyze the linguistic phenomena that occur in Paraense speech, present in the selected song. For this the method of the bibliographical research of the authors was used based on sociolinguistic research of some authors, such as Cezário (2008), Camacho (2007), Alkmim (2007) Bagno (2007) Bortoni-Ricardo (2005). The study reveals that the composers of the song *Voando pro Pará* use the regional language, which can be perceived by the Portuguese non-standard presence and linguistic variations in phonetic level, phonological, morphosyntactic and lexical. The results showed that the regional music gives great support to classroom work, enabling the student, numerous interpretive readings that contribute to the knowledge of the customs, culture, language evolution and social contrasts.

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Faculdade Ipiranga. E-mail: [sandraemanoeli@yahoo.com.br](mailto:sandraemanoeli@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pela Faculdade Ipiranga. E-mail: [lucia777@gmail.com](mailto:lucia777@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. Professora da Secretaria Estadual de Educação do Pará. E-mail: [profmcarm@gmail.com](mailto:profmcarm@gmail.com)

**Key-words:** Paraense Talking; Sociolinguistics; Linguistic Variation.

**Recebido em 28 de junho de 2017.**

**Aprovado em 25 de março de 2018.**

## **INTRODUÇÃO**

O Brasil é um país gigantesco e dividido em cinco regiões socioculturalmente diferentes, com manifestações linguísticas heterogêneas marcadas por fatores sociais, nível econômico, escolaridade, sexo, idade, profissão, e fatores contextuais. Diante disso, este trabalho propõe-se analisar os fenômenos linguísticos que ocorrem nas expressões do falante da região norte da cidade de Belém do Pará, por meio da análise da canção “Voando pro Pará”, interpretada por Joelma.

O fenômeno linguístico apresenta, no curso do seu desenvolvimento, variações significativas que acrescentam ou diminuem ou mudam os sentidos de determinadas palavras ou simplesmente dão origem ao surgimento de novos termos num intervalo de tempo. Esses fenômenos acontecem dependendo dos diferentes grupos sociais, das diferentes regiões e de diferentes graus de escolarização. Logo, pode-se dizer que a variação na língua está relacionada ao caráter social e regional dos falantes.

Em vista do falar regional paraense ser estigmatizado e pouco estudado nos livros sobre linguísticas, e conceituado nas próprias escolas como errado, porque quem fala correto é o povo sulista, nordestino e de outras regiões, por este motivo busca-se, neste trabalho, responder às seguintes perguntas: Quais são as variações linguísticas no linguajar belenense? Como a música regional contribui para a divulgação e valorização da variação regional?

Levando em consideração a importância de se estudar as variações presentes na língua do povo brasileiro, em especial, no falar paraense, propõe-se apresentar uma análise dos fenômenos linguísticos presentes na música *Voando pro Pará*, dos compositores Crystian Lima, Isaac Maraiial e Valter Serraria. Através da música paraense, é possível levar as expressões típicas de nossa região aos demais grupos e classes sociais espalhados pelo Brasil.

Para se alcançar os objetivos propostos, busca-se, primeiramente, estudar o conceito de variação linguística, para compreender esse fenômeno em seus diferentes níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico-

pragmático. Para isso, essa pesquisa está apoiada nas afirmações de autores, tais como Cezário (2008), Camacho (2007) e Alkimir (2007), Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2005). Autores estes que trabalham na vertente chamada interacional e investigam situações de uso, o momento em que ocorre a interação: quem está dizendo o quê, a quem, onde, quando, dentro de que relações da hierarquia social e com qual intenção. Bem como apontam modelos de análise para a compreensão dos elementos que determinam a variação que podem ser de ordem linguística (estrutural) ou extralinguística (social) ou a combinação das duas.

A importância deste trabalho está no fato de ainda haver um conflito no âmbito da polarização entre a língua de fato ensinada na escola, como referencial exclusivo, que é denominado de variedade padrão e o dialeto social que o aprendiz domina de acordo com sua origem sociocultural. Portanto, contribuir com a análise dessa questão levará o leitor a refletir sobre as variações linguísticas, que são, e devem ser admitidas na fala e que a variedade linguística de toda e qualquer pessoa deve ser respeitada.

Vale lembrar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) – PCN’S, também, incorporam essa visão de linguagem pautada na variação linguística, deixando claro que para ensinar bem uma língua, é necessário respeitar o conhecimento do aluno, valorizando o que ele já sabe do mundo e da vida. Reconhecendo ainda que, a língua que ele fala reflete sua própria identidade como ser humano, sempre acrescentando e elevando sua autoestima.

Nesta pesquisa, lança-se mão das teorias da sociolinguística, ciência esta que objetiva investigar os fatores que motivam a variação linguística. Trata-se da Sociolinguística, enquanto ciência, pois, busca relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Nesse sentido, segundo Bagno (2007), língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo como parte da outra. O autor ainda afirma que:

É impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem (BAGNO, 2007, p. 38).

Com todas as proposições acima, o artigo está organizado em uma introdução e três seções. A primeira seção trata da fundamentação teórica, abordando conceituação e

delimitação da Sociolinguística, variação e mudança da língua e da fala. A segunda aborda os procedimentos de pesquisa, em que se expõem os métodos utilizados nesta investigação, bem como as técnicas para coleta de dados, amostras de análise e a forma de tratamento dos dados. Para a terceira seção, propõe-se a discussão dos resultados, seguida das considerações finais.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 Sociolinguística**

Neste item, serão, primeiramente, apresentadas breves considerações acerca da sociolinguística, em que são abordados seu surgimento, seus conceitos e objeto de estudo. A base teórica é formada pelos estudos sociolinguísticos realizados no Brasil, entre eles estão Bagno, Cezário, Votre e Costa, Camacho, Bortoni-Ricardo, entre outros.

A sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado, sobretudo, por Wilian Labov, segundo Cezario, Votre e Costa (2008) tornou-se o nome mais conhecido da área.

De acordo com Cezario, Votre e Costa (2008), a sociolinguística é uma subárea da Linguística, que estuda a língua em seu uso real. Levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

A sociolinguística, como já fora dito, estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala e está voltada para um tipo de investigação que, correlaciona e estuda o comportamento linguístico dos membros de uma comunidade, e de como ele é determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas existentes. Ou seja, para a sociolinguística, a linguagem define os membros de uma sociedade por meio da interação verbal, o modo de falar de determinado grupo, os termos, o som, a pronúncia utilizada pelos membros do grupo social.

Nessa mesma linha de pensamento, a sociolinguística, segundo Bagno:

É o conjunto de conseqüências sociais, culturais, ideológicas que a variação lingüística faz surgir em qualquer comunidade. O objetivo central da sociolingüística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade lingüística com a heterogeneidade social (BAGNO, 2007, p. 59).

Para Bagno, é impossível estudar a língua sem estudar a sociedade usuária desta língua, pois língua e sociedade caminham juntas. Alkmim (2007) denomina a sociolingüística afirmando ser a interligação entre sociedade e língua.

A sociolingüística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade lingüística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos (ALKMIM, 2007, p. 31).

Enquanto que para Camacho (2007) não se prende ao conceito simplificado de sociolingüística, mas a delimita de três formas: sociologia da linguagem, sociologia interacional, e sociolingüística variacionista. A primeira diz respeito aos fatores sociais associados à linguagem, pois encara os sistemas lingüísticos como instrumentais em relação às instituições sociais. Para a sociolingüística interacional consiste na corrente que estuda a análise da conversação, englobando a etnografia da comunicação e outras circunstâncias do processo de comunicação. E por fim, a sociologia variacionista consiste no exame da linguagem no contexto social, ou seja, estuda a relação entre a estrutura lingüística e a social.

No conceito de Bortoni-Ricardo,

A Sociolingüística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios lingüísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão-somente aos aspectos formais da língua. (BORTONI-RICARDO 2005, p. 20)

Diante desses conceitos, fica evidente que a linguagem está relacionada à sociedade e intrínseca à sociedade. O que se pode entender o porquê do falar do brasileiro ser diferente do falar do português, por exemplo, sendo até difícil, em certas ocasiões seu entendimento, a partir de um diálogo.

## 1.2 Variações linguísticas

Como já fora dito, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. E, como que estabelecendo um roteiro para atividades de pesquisa a serem desenvolvidas na área da Sociolinguística, Alkmim (2007) ilustra as ideias de Brighth identificando um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais se supõe que a diversidade linguística esteja relacionada, como:

- a) Identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) Identidade social do receptor ou ouvinte – relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da baby talk (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
- c) O contexto social - relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existentes na grande maioria das línguas;
- d) O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas. (BRIGITH, 1966 *apud* ALKMIM, 2007, p. 34)

Observa-se que a língua não é estática, ela se movimenta se reinventa, nasce, se recria dependendo de vários fatores como sexo, idade, tempo, classe social, etc.

Alkmim (2007) ainda ilustrando as ideias de Brighth diz que os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias à sua região, à sua classe social, etc. De uma perspectiva geral, as variedades linguísticas podem ser compreendidas em dois grandes grupos: variação geográfica (diatópica) e variação social (diastrática).

A variação geográfica (Diatópica) ocorre devido à diferença da região dos falantes. Nesse contexto, os brasileiros e portugueses e pessoas de região distinta do Brasil apresentam diferenças de fala nos planos lexical, fonético e gramatical, como exemplifica Alkmim (2007):

Ainda explica que no plano lexical a palavra “comboio”, em Portugal, por exemplo, refere-se a “trem” no Brasil. No plano fonético, a pronúncia aberta da vogal anterior média, como em “prêmio” [premjú], em contraste com a pronúncia fechada no Brasil “prêmio [premjú]”. Já no plano gramatical, tem-se a colocação de advérbios como em “Lá não vou” (Portugal) e não vou lá (Brasil). Quanto aos falantes brasileiros das regiões Nordeste e Sudeste, há diferenças fonéticas, como, por exemplo, a pronúncia de vogais médias pretônicas – como ocorre na palavra “melada” – pronunciadas como vogais abertas no nordeste e fechadas no sudeste [meladu]. Há, também, diferenças gramaticais, como por exemplo, a preferência pela preposição verbal da negação, como “sei não” (nordeste) e “não sei” (ou “não sei não” no sudeste) (ALKMIM, 2007 p. 35).

A variação diastrática ou social inclui fatores como: classe social, idade, escolaridade, sexo. Para estas variações, exemplificamos assim:

a) Classe social.

É um fator que muito determina a maneira como falamos. A língua varia de acordo com o nível de formalidade, aqueles que possuem uma condição socioeconômica mais elevada tende a usar a linguagem mais próxima a chamada variedade culta. Esse grupo tem acesso mais amplo a escolaridade do que outros grupos, do que aqueles que se encontra na base da pirâmide social, pouco tem acesso. Podemos adequar à linguagem de acordo com as necessidades comunicativas.

Alkmin (2007) dá alguns exemplos deste tipo de variação: “- uso de dupla negação, como em “ninguém não viu” “eu nem num gosto”. - presença de [r], em lugar de [l] em grupos consonantais, como em “brusa” (blusa) e “grobo” (globo).

b) Idade.

- uso do lexo particular, como em certas gírias (“maneiro” “esperto” sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações), denota faixa etária jovem;  
- a pronúncia fechada da vogal tônica posterior da palavra “senhora”, é característica de alguns falantes mais velhos.

c) Sexo:

- A duração com recurso expressivo, como em “maravilhoso” costuma ocorrer na fala de mulher (ALKMIM, 2007).

### Ainda Segundo Fishman (1972),

a mudança acontece quando o falante de uma maneira particular decide mudar de variedade linguística sem que tenha ocorrido mudança de situação”. Exemplo disso é uma conversa de um pai interrogando a filha: “Aonde a senhora pensa que vai? - o uso da forma de tratamento “senhora” está carregado de ironia. (FISHMAN 1972, *apud* ALKMIM, 2007, p 36)

Compreende-se que as variações linguísticas podem ser observadas em realizações orais, podendo sofrer interferências de elementos sociais. Essas variações podem ser encontradas na letra da canção Voando pro Pará, que traz marcas da oralidade através da linguagem regional, influenciada pela cultura e tradição paraense.

### 1.3 Variações e suas causas

Camacho ao falar de variações e causa, enfatiza que, primeiramente, temos que diferenciar os termos variantes e variável linguística. Para o autor, o primeiro diz respeito:

À representação de duas ou mais formas alternativas de dizer a mesma coisa no mesmo contexto. Já o termo variável representa o esforço do sociolinguista por generalizações abstratas. Trata-se de uma classe de variantes que constituem estas sim, duas ou mais formas concretas de uso (CAMACHO 2007, p. 56).

Camacho (2007) relata que os fenômenos de natureza linguística ocorrem em níveis que são: fonológico, morfológico e nível sintático.

Observa-se, inicialmente, o nível fonológico: a alternância entre qualquer pronúncia de [r] e sua ausência, em formas infinitivas do verbo, como “fala”, “comê”, é um exemplo de variação. Já no nível morfológico é possível observar a alternância de sufixos derivacionais, como “salaminho” e “salamito”, que identifica uma diferença entre o falar paulista e o gaúcho. No nível sintático, observe os vários tipos de construção relativa, nos seguintes exemplos: “a moça de quem você falou estuda no colégio” X “a moça que você falou estuda no colégio” X “A moça que você falou dela estuda no colégio”. Observe, agora, que a alternância lexical entre “jerimum”/ “abobora”, “macaxeira”/ “aipim”/ “mandioca” fornece identificação da origem regional do falante (CAMACHO, 2007, p. 56).

De acordo com Camacho (2007), os fenômenos de natureza extralinguística ocorrem em função dos fatores de identidade social do emissor e do receptor e em razões sociais de produção discursiva. Em função da identidade social, pertencem as variações geográficas e socioculturais. Como exemplo de variações geográficas, Camacho afirma que:

É fácil perceber a variação motivada por diferenças na origem geográfica. Basta percorrer o país para perceber, por exemplo, que toda a região nordestina se identifica com base na abertura sistemática da vogal pretônica de “dezembro” e “colina”, sistematicamente fechada na região sudeste. Em certas regiões do sul do país, pronunciam-se como médias as vogais em posição átona final, como no sintagma nominal “leite quente”, que, em outras regiões, aparecem como altas, “leiti quenti”. Neste último caso, observa-se ainda que a pronúncia da vogal anteriore/i/ na região sudeste acarreta por assimilação regressiva a palatização daconsoante oclusiva, que passa a soar como uma africada, algo próximo a “leitchi quentchi” (CAMACHO, 2007, p. 57).

Vale ressaltar que as variações geográficas em todo território nacional brasileiro é motivo de preconceito linguístico, pois é comum, mesmo dentro das escolas os alunos “zoarem” dos alunos transferidos de determinadas regiões.

#### **1.4 De variação sociocultural**

Segundo Camacho as variações socioculturais também são oriundas de fatores socioeconômicos e sociobiológicas, tais como:

Deriva da tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos indivíduos participantes de um mesmo setor socioeconômico e cultural. As diferenças linguísticas são motivadas por diferenças de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, grau de escolaridade, de ordem sociobiológica, como idade e sexo, de ocupação profissional, entre outros, sejam esses fatores isolados ou combinados entre si (CAMACHO, 2007, p. 58).

De acordo com esse autor, a variação estilística ou de registro depende da reflexão circunstancial do falante, ou seja, depende da formalidade da situação em que ele se encontra, por exemplo, quanto mais formal a situação maior é a preocupação em usar a norma de prestígio.

Dentre todas essas variações, o indivíduo precisa ter interiorizado em sua competência linguística as formas padrão e não padrão sobre as quais ele pode operar a seleção conforme variam as circunstâncias de interação.

## **2. MÉTODO DE ABORDAGEM E DELIMITAÇÃO DO *CORPUS***

### **2.1. Método de abordagem**

Esta pesquisa se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica, na qual são estudados os referenciais sustentados por autores que fundamentam e possibilitam a interpretação do significado dos dados e fatos levantados.

O método utilizado é o da pesquisa Sociolinguística, com ênfase no conteúdo da letra musical *Voando pro Pará*, de Crystian Lima, Isaac Maraial e Valter Serraria, na voz de Joelma. Destaque na música paraense nos dias atuais e conhecida nacionalmente pelo estilo calypso.

Neste sentido, esse trabalho utiliza a música como linguagem que se comunica e expressa a diversidade sociocultural dos paraenses. Além de ser uma estratégia, que permite o estudo das variedades geográficas, históricas, sociocultural, concentrando-se nos aspectos não padrão de variações linguísticas, em nível fonético, fonológico, morfossintático e lexical.

### **2.2. Corpus de Análise**

O corpus desta análise, como já fora apresentado, consta da letra da canção *Voando pro Pará*, uma música do estilo *Calypso*, da região popular nortista, a letra destaca os pontos turísticos e culinários da cidade, além de salientar a saudade que o nortista de Belém sente quando está longe de sua terra natal e sua cultura peculiar.

Portanto, buscou-se analisar nessa letra as variações geográficas, socioculturais e históricas, além do levantamento dos neologismos presentes na música. Observou-se que, através da música paraense é possível levar as expressões típicas da região aos demais grupos e classes sociais espalhados pelo Brasil.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Música: *Voando pro Pará*<sup>4</sup> (Joelma Calypso).

Compositor: Chrystian Lima, Isaac Maraial e Valter Serraria.

- 1- Vou tomar um tacacá
- 2- Dançar, curtir, ficar de boa
- 3- Pois quando chego no Pará me sinto bem
- 4- O tempo voa
- 5- Chegou o mês de férias, vou voando pro Pará
- 6- Vou direto ao Ver-o-Peso apurar meu paladar
- 7- Ficar bem à vontade e fazer o que quiser
- 8- E matar minha saudade da pupunha com café
- 9- Eu vou na Estação das Docas
- 10- Vou ver o Re - Pa no estádio
- 11- Vou sair à noite com os amigos, eu vou me jogar
- 12- Eu vou lá no Mangal das Garças
- 13- Vou no Forte do Presépio
- 14- E depois do *point* do açai eu quero me divertir
- 15- Eu vou tomar um tacacá
- 16- Dançar, curtir, ficar de boa
- 17- Pois quando chego no Pará me sinto bem
- 18- O tempo voa

Apresenta-se, a seguir, a análise dos fenômenos linguísticos que ocorrem na canção:

#### 3.1. Variações lexicais

O léxico da letra da música é composto por palavras típicas da cultura belenense, que é chamada de variação Regional, tais como: Açai, Tacacá e REPA. São termos oriundos da capital paraense; os dois primeiros originários do Tupi, língua indígena que, integrada ao português, sofreu variações fonéticas e gráficas ao longo do tempo.

No verso 1, “Tacacá”, palavra de origem indígena taka’ka ou de mescla com o Tupi taca (haste comprida, tronco), como é a mandioca. Designa, segundo Silva (2012), a sopa tomada pelos belenenses. A letra “k” foi substituída pela letra “c”.

No verso 10, o léxico “re-pa” é um termo paraense para definir o clássico futebolístico entre os times nortista Remo e Paysandu. A pronúncia fonética deste termo é Repá. Pode-se dizer que a sigla ou acrônimo aqui foi utilizada como recurso linguístico da lei do menor esforço labial. Saussure (2006, p. 172), para explicar a supressão fonética, salienta sobre a lei do menor esforço, que é a tendência universal em que o falante simplifica a emissão dos sons, facilitando os órgãos do aparelho fonador.

<sup>4</sup> <https://www.vagalume.com.br/joelma-calypso/voando-pro-para>. Acesso em: 06/06/2016.

Este termo “RE-PA” tanto pode ser designado uma sigla quanto acrónimo. Trata-se de uma sigla, porque é uma abreviatura formada pela sequência das iniciais das palavras que deram origem ao termo: REMO E PAYSANDU. Trata-se de um acrónimo porque é uma sigla pronunciada como uma palavra (e não soletrada, como, por exemplo, PS): se o termo fosse soletrado (R\_E\_P\_A), era apenas uma sigla; como é pronunciado de forma contínua, silábica, como uma palavra normal, toma o nome de acrónimo. Diante disso, temos os significados de sigla e acrónimo:

A. Sigla – Termo complexo abreviado ou nome formado a partir das letras iniciais dos seus elementos. Uma sigla forma uma sequência cuja pronúncia é alfabética, silábica ou ambas. Exemplos: CEE, EDP.

B. Acrónimo – Termo complexo abreviado, formado de letras ou grupos de letras de uma palavra ou sequência de palavras, que se pronuncia como uma palavra. Exemplos: EPAL, EUROTRA. EPAL significa Empresa Pública das Águas Livres, EUROTRA significa Programa Europeu de Tradução Automática <sup>5</sup>.

No novo Dicionário da Língua Portuguesa (1986), diz-se que a sua pronúncia tanto pode ser alfabética (ou seja, soletrada), quanto silábica.

No verso 14, ocorre a variação regional, pois o léxico Açai, alimento que compõe a mesa do paraense, também é conhecido no Maranhão como Juçara.

O termo açai é o oriundo do tupi yasa'i (fruta que chora), numa alusão ao sumo desprendido pelo seu fruto. O açai é uma palmeira que produz um fruto bacáceo de cor roxa, muito utilizado na confecção de alimentos e bebidas, principalmente no Estado do Pará. Classificação gramatical: nome masculino;

Divisão silábica: a.ça.í

Plural: açais

A letra /y/ desapareceu da grafia, e o /s/ foi substituído por /ç/.

### 3.2. Variações sociais ou culturais

Essas variações estão diretamente ligadas aos grupos sociais de uma maneira geral e também ao grau de instrução de uma determinada pessoa. Como exemplo, são citados os jargões, as gírias e o linguajar caipira.

As gírias pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os jovens, surfistas, cantores de rap, tatuadores, entre outros.

---

<sup>5</sup>Dicionário de termos linguísticos da associação Portuguesa de Linguística e do instituto de linguística teórica e computacional, das Edções Cosmos (1992. Vol.II, p.16,17, 345).

No verso 2, temos a gíria “ficar de boa”, que significa ficar sossegado, tranquilo, não se estressar. Essa expressão, embora não seja especificamente da região e, sim, nacional, dando origem à filosofia do deboísmo<sup>6</sup>, muito conhecida na *internet*, é também utilizada pelo povo do Pará.

No verso 11, ocorre a gíria “vou me jogar”, que significa divertir-se, aproveitar, um termo utilizado também na linguagem dos jovens paraenses.

### 3.3. Variação – Estrangeirismo

O estrangeirismo pode ser explicado pela forte influência norte-americana sobre o Brasil e isso pode ser observado no uso de palavras inglesas principalmente na área da informática, jornalística, econômica e também no turismo, compreendendo o setor aéreo de transporte, até o nome dos hotéis e restaurantes.

Segundo Castilho (2014, p 117), “são consideradas estrangeirismos as palavras francesas, espanholas e norte americanas que ingressam no vocabulário do português brasileiro sem que tivesse ocorrido um contato direto com a cultura brasileira”.

De acordo com Faraco (2001), Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo” (FARACO, 2001, p. 15).

Como exemplo, tem-se, no verso 14, a palavra estrangeira *point*, do inglês, que corresponde a “ponto”, em português. A música faz referência a um famoso restaurante de Belém, o qual é ponto de encontro de turistas que visitam a cidade, chamado “Point do açaí”, que tem como um dos seus pratos principais a polpa do açaí.

### 3.4. Variação sintática

Variação sintática é encontrada na constituição das estruturas sintáticas que podem estar em conformidade ou desconformidade com as normas gramaticais.

De acordo com a norma gramatical, quando os verbos indicam direção devem vir regidos pelas preposições “a” ou “para”, dependendo do sentido que querem empregar. Contudo, é comum na fala essa regra não ser obedecida. Nesse caso, ocorre a variação extralinguística, como acontece no verso 3, em que tem-se “Pois quando chego

<sup>6</sup> <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/conheca-deboismo-nova-filosofia-de-boas-da-internet-17392121>. Acesso em: 06/06/2016.

no Pará”. Sintaticamente, essa frase, segundo a gramática normativa, deveria ser: “Quando chego ao Pará”, pois na norma padrão, a regência verbal de “chegar” exige a preposição “a” ou “ao” e não a preposição “em” ou “no”. Em vista disso, Castilho diz:

[e]sses verbos envolvem o deslocamento de figura em direção a um ponto de referência, sendo a figura representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o conjunto que se desloca ao ponto de referência (ir, vir, chegar, seguir, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se etc.) (CASTILHO, 2014, p. 593).

Exemplo: Chegamos ao restaurante pontualmente.

Então: Chegamos no restaurante.

O mesmo acontece no verso 9: “Eu vou na Estação das Docas”, que, de acordo com a gramática normativa, deve ser: “Eu vou à estação das Docas”.

Assim também acontece nos versos 12 e 13: “Eu vou lá no Mangal das Garças/ Vou no Forte do Presépio”; sintaticamente, deve ser: Eu vou ao Mangal das Garças e Vou ao Forte do Presépio.

No verso 5, “Vou voando pro Pará”, encontramos a contração preposicional “pro” (para o); de acordo com a norma padrão, ao escrever, devemos optar pela forma “para”, exceto em textos especiais (letra de música, poemas, frase de publicidade, cartas pessoais, e-mails), em que podemos usar o “pra”, se quisermos. Na fala, aceita-se o uso da forma “pra”. Esse fenômeno é explicado pelas leis fonéticas básicas que presidem a transformação dos vocábulos que deram origem à formação da língua portuguesa a partir do latim.

### 3.5. Regionalismos

Considerando a afirmação de Maia (2006), a origem geográfica como a língua, são características da identidade de uma pessoa, por isso é fácil identificar a que região alguém pertence pela pronúncia e pelo léxico de sua fala. Tais como o falar mineiro, o falar carioca, o falar nordestino, etc. Castilho (2014, p198) esclarece que “há uma correlação entre os falantes de língua e sua região de origem, gerando produção linguística como diferentes dialetos relacionados ao espaço geográfico que ocupam”. Por isso que de todas as variações, a variação geográfica é a mais perceptível. A ciência que estuda essa variação é a Dialetoologia.

De acordo com Alkmim (2007),

[a] variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (ALKMIM, 2007, p. 34).

Esse regionalismo pode ser compreendido no linguajar paraense por meio das músicas produzidas pelos cantores regionais, nas quais estão presentes o chiado e a variação fonética como: o paraense, ao cantar a música voando pro Pará, com certeza vai cantá-la “chiando”. Essa variação é fonética, pois ele produz o som do /s/ chiando. Essa característica veio do Norte de Portugal e, como a fisiologia dos índios é diferente, eles não conseguiam falar o português de Portugal. E então foram ‘adocicando’ essa fala, tornando-a mais leve, como esclarece Felix (2002).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com as proposições acima, sem dúvida, a música é um elemento intrínseco à sociedade humana e é expressa pela língua, fazendo parte da comunicação e interação linguística. Portanto, nada melhor do que usá-la para explicar, observar e analisar as variações linguísticas existentes na fala da sociedade.

A análise linguística de música regional reafirma a variação linguística existente na fala, a qual não pode ser ignorada, mas, sobretudo, respeitar o diferente e, a partir dele, refletir e investigar as causas das variações. É, nesta perspectiva, que este trabalho buscou analisar o conteúdo linguístico da música regional paraense, na qual a sua produção cultural e sua identidade foram reveladas pela linguagem do falar paraense.

Esse estudo possibilitou a realização de leituras e visualizações da diversidade da língua portuguesa por meio dos textos do gênero musical sob a perspectiva da sociolinguística e a visão dos principais especialistas brasileiros que discutem sobre variações e suas causas.

Com este estudo ficou possível perceber que as músicas regionais desempenham papéis de suma importância e relevância para a formação dos indivíduos, pois fazem parte do cotidiano de qualquer nacionalidade, região e credo.

Graças à contribuição da sociolinguística, é possível enxergar diversidades que existem na língua sem desvalorização da linguagem, uma vez que a linguagem constitui um dos mais poderosos instrumentos de ação e transformação sociais.

Acredita-se que um trabalho dessa natureza, que buscou discutir, através da sociolinguística e suas variações, utilizando a música regional, pode ser um grande suporte ao trabalho de sala de aula. Possibilita ao professor um instrumento de pesquisa sobre o caráter regional local, e ao aluno, inúmeras leituras interpretativas que contribuirão para o conhecimento dos costumes, da cultura, da evolução da linguagem e dos contrastes sociais. Além disso, a partir da realização desse tipo de pesquisa, é possível tornar as aulas mais atrativas, envolventes e, conseqüentemente, mais participativas. Resultando assim, em melhorar o processo de ensino/aprendizagem da língua. Por extensão, formar cidadãos mais críticos, integrados e conhecedores de outro acervo como uma literatura disponível em seu meio social. E, provavelmente, ficará interessado em aprender com uma maneira mais dinâmica. Portanto, essa pesquisa evidenciou que o trabalho com as variações linguísticas, utilizando a letras musicais como suporte, instiga leituras que destacam mudanças sociais, culturais e históricas.

Nesse sentido, a relevância desse estudo está no fato de utilizar o gênero música, também por ser regional, como uma linguagem que se comunica e expressa a diversidade sociocultural dos indivíduos. Isso só foi possível graças à sociolinguística, que estuda as variações por meio das circunstâncias sociais, geográficas e estilísticas que causam suas variações.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística, domínios e fronteiras. v.1.* São Paulo: Cortez, 2007.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: uma pedagogia da variação linguística.* São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.

BRIGITH, W. (org). SOCIOLINGUISTICS. IN: *PROCEEDING OF THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE*, 1964, 3 ed, Mouton, The Hague, 1966.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F; BENTES, Ana C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CARVALHO, Ana. Sigla e acronímia. Cidade do Porto. Ciberduvidas, 2006. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sigla-e-acronimia-novamente/18813/> Acesso: 07/08/2016.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CESÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião; COSTA, Marcos Antônio. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

FARACO, Carlos Alberto (org.) *Estrangeirismos — guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

FELIX, Maria Ivanete. *A Língua Geral Amazônica: Contribuição para o estudo de suas variedades dialetais faladas ao longo do Rio Amazonas e seus tributários, nos séculos XIX e XX Felix*. 2002. 164 p. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará, Belém.

FERREIRA, Aurélio. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. P.19

FISHMAN, J. A. *A sociologia da linguagem*. Trad. de Álvaro Cabral. In: FONSECA. M. S. V. e NEVES. M. F. Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GERALDI, J. W. *Linguagem e Ensino – exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MAIA, Marcus. *Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: LACED/Museu Nacional, 2006.

MATSUURA , Sérgio. *Conheça o 'deboísmo', a nova filosofia 'de boas' da internet*. Rio de Janeiro: O globo, 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/conheca-deboismo-nova-filosofia-de-boas-da-internet-17392121>. Acesso em: 07/06/2016.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol.1. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, Lima; MARAIAL, Isaac; SERRARIA, Valter. *Voando pro Pará*. Intérprete: Joelma Mendes. São Paulo: Universal Music, 2016. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/joelma-calypso/voando-pro-para.html>. Acesso em: 07/06/2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Ed. 5. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Francisco Gomes da. *A origem do Tacacá*. Amazonas: Blog do Francisco, 2012. Disponível em: [www.franciscogomesdasilva.com.br/a-origem-do-tacaca/](http://www.franciscogomesdasilva.com.br/a-origem-do-tacaca/). Acesso em: 07/06/2016.

XAVIER, Maria Francisca. *Dicionário de termos linguísticos da associação Portuguesa de Linguística e do instituto de linguística teórica e computacional*, das Edições Cosmos, 1992. Vol. II.